

Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira 4

**Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher
(Organizadores)**



Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher
(Organizadores)

Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira 4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P964	<p>Produção científica e experiências exitosas na educação brasileira 4 [recurso eletrônico] / Organizadores Keyla Christina Almeida Portela, Alexandre José Schumacher. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira; v. 4)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-554-9 DOI 10.22533/at.ed.549192108</p> <p>1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação – Brasil. I. Portela, Keyla Christina Almeida. II. Schumacher, Alexandre José. III. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370.71</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os e-books intitulados “**Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira**” apresentam 6 volumes baseados em trabalhos e pesquisas multidisciplinares de diversos estudiosos da educação. A produção científica corrobora para o conhecimento produzido e difundido, além de fazer um papel de diálogo entre os pesquisadores e o meio científico.

Estas pesquisas têm como base os estudos multidisciplinares, que apresentam desafios em seu mapeamento, pois envolvem pesquisadores com distintas áreas de atuação. Diante desse cenário, a Atena Editora aglutinou em seis volumes uma grande diversidade acadêmico científica com vistas a uma maior contribuição multidisciplinar.

No primeiro volume encontramos trabalhos relacionados as vivências, práticas pedagógicas, desafios profissionais, formação continuada, bem como propostas de novas técnicas diante do cotidiano dos pesquisadores.

No segundo volume nos deparamos com estudos realizados no âmbito da educação especial, bullying, educação inclusiva e direitos humanos, bem como com políticas educacionais. Neste capítulo, buscou-se apresentar pesquisas que demonstrem aos leitores as experiências e estudos que os pesquisadores desenvolveram sobre os direitos e experiências educacionais.

No terceiro volume temos como temas: as tecnologias e mídias digitais, recursos audiovisuais, formação de jovens e adultos, currículo escolar, avaliação da educação, mudança epistemológica e o pensamento complexo. Neste volume, é perceptível o envolvimento dos pesquisadores em mostrar as diferenças de se ensinar por meio da tecnologia, e, também, com visão não reducionista, ou seja, o ensinar recorrendo a uma rede de ações, interações e incertezas enfrentando a diversidade humana e cultural.

No quarto volume, encontra-se diferentes perspectivas e problematização em relação as políticas públicas, projetos educativos, projetos de investigação, o repensar da prática docente e o processo de ensino aprendizagem. Os artigos aqui reunidos exploram questões sobre a educação básica abordando elementos da formação na contemporaneidade.

No quinto volume, apresenta-se pesquisas baseadas em reflexões, métodos específicos, conceitos e novas técnicas educacionais visando demonstrar aos leitores contribuições para a formação dos professores e as rupturas paradigmáticas resultante das experiências dos autores.

Para finalizar, o sexto volume, traz relatos de experiências e análises de grupos específicos visando demonstrar aos leitores vários estudos realizados em diversas áreas do conhecimento, sendo que cada um representa as experiências dos autores diante de contextos cotidianos das práticas educacionais sob diferentes prospecções.

À todos os pesquisadores participantes, fica nossos agradecimentos pela

contribuição dos novos conhecimentos. E esperamos que estes e-books sirvam de leitura para promover novos questionamentos no núcleo central das organizações educacionais em prol de uma educação de qualidade.

Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONTRIBUIÇÃO DO GCEE - GRUPO CATARATAS DE EFICIENCIA ENERGÉTICA NA FORMAÇÃO MULTIDISCIPLINAR DOS ESTUDANTES DE ENGENHARIA NA UNIOESTE-FOZ DO IGUAÇU	
Elidio de Carvalho Lobão Waldimir Batista Machado Matheus Tomé Albano Guimarães Eduardo Camilo Marques de Andrade Emmanuel Rubel do Prado Laercio Malacarne Junior	
DOI 10.22533/at.ed.5491921081	
CAPÍTULO 2	8
A MONITORIA COMO INSTRUMENTO FACILITADOR DO ENSINO-APRENDIZAGEM EM FISIOLOGIA HUMANA	
Rita de Cássia da Silveira e Sá Emmanuel Veríssimo de Araújo Rachel Linka Beniz Gouveia	
DOI 10.22533/at.ed.5491921082	
CAPÍTULO 3	16
A PERENIDADE DOS GREGOS NA DISCIPLINA DE INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LITERÁRIOS	
Arthur Barboza Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.5491921083	
CAPÍTULO 4	24
A PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO OMNILATERAL A PARTIR DA RELAÇÃO TRABALHO E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA	
Maria Judivanda da Cunha Bernardino Galdino de Senna Neto Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.5491921084	
CAPÍTULO 5	32
A RESISTÊNCIA CONTRA A INTENSIFICAÇÃO NO PROCESSO DE ESPOLIAÇÃO TERRITORIAL DOS POVOS KAIOWA E GUARANI E AS POLÍTICAS PÚBLICAS NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL	
Junia Fior Santos Marlene Gomes Leite	
DOI 10.22533/at.ed.5491921085	
CAPÍTULO 6	42
DETERMINAÇÃO DOS TEORES DE MINERAIS EM AMOSTRAS DE CATCHUP E MAIONESE POR FOTOMETRIA DE EMISSÃO ATÔMICA COM CHAMA	
Lidiane Gonçalves da Silva Allan Nilson de Sousa Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.5491921086	

CAPÍTULO 7	50
ESTUDANTES DE PEDAGOGIA E A PROVA BRASIL: DESCRITORES E ITENS DE ESPAÇO E FORMA	
Amanda Barbosa da Silva	
Ana Paula Nunes Braz Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.5491921087	
CAPÍTULO 8	62
ESTUDO DA CONTRIBUIÇÃO DA MONITORIA PARA O ALUNO DE ENGENHARIA – METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO	
Humberto Dias de Almeida Filho	
Hanna Luara Costa Martins	
Pedro Henrique Medeiros Nicácio	
Amanda Maria Cunha Severo	
Lílian Mychelle Fernandes Falcão	
Gabriely Medeiros de Souza Falcão	
Sheila Alves Bezerra da Costa Rêgo	
DOI 10.22533/at.ed.5491921088	
CAPÍTULO 9	69
LDBEN Nº 9394/96: CONHECIMENTO DOCENTE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Simone Regina Santos Oliveira Pedrosa Soares	
Rilva José Pereira Uchôa Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.5491921089	
CAPÍTULO 10	82
MÚLTIPLAS LINGUAGENS COMO METODOLOGIA PARA PENSAR O TEMPO E O ESPAÇO: O PONTO DE VISTA DAS CRIANÇAS	
Camila Silva Pinho	
Rosângela Veiga Júlio Ferreira	
Andreia Cristina Teixeira Tocantins	
DOI 10.22533/at.ed.54919210810	
CAPÍTULO 11	99
O BRINQUEDO EDUCATIVO ENQUANTO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL	
Maria Cristina Delmondes Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.54919210811	
CAPÍTULO 12	110
O ENSINO DA SUSTENTABILIDADE EM INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS DE ENSINO SUPERIOR NA PERSPECTIVA DA <i>TRIPLE BOTTON LINE</i>	
Luiz Carlos Danesi	
Paulo Fossatti	
DOI 10.22533/at.ed.54919210812	
CAPÍTULO 13	121
O ENSINO DE CIÊNCIAS NUMA PERSPECTIVA EMANCIPATÓRIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES DO ESTADO DE MATO GROSSO	
Laudileire Cristaldo Chaves	
Ivanete Rodrigues dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.54919210813	

CAPÍTULO 14	132
O PEDAGOGO NAS UNIVERSIDADES CORPORATIVAS	
Bianca Brandão Aracaqui	
Sônia Regina Basili Amoroso	
DOI 10.22533/at.ed.54919210814	
CAPÍTULO 15	146
O REPENSAR DA PRÁXIS DOCENTE: A QUALIDADE DO ENSINO PROVENIENTE DE METODOLOGIAS AUTORREFLEXIVAS EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Joseany Sebastiana da Silva Moreira	
Edson Gomes Evangelista	
Geison Jader Mello	
DOI 10.22533/at.ed.54919210815	
CAPÍTULO 16	155
O USO DA LITERATURA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	
Vanessa Luciano Brito	
Tatiane Vilella Mascarenhas	
Ana Margarete Gomes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.54919210816	
CAPÍTULO 17	164
O USO DE ANIMES NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA EXPERIÊNCIA COM A FRANQUIA POKÉMON E O ENSINO DE BIOLOGIA	
Victor Hugo de Oliveira Henrique	
DOI 10.22533/at.ed.54919210817	
CAPÍTULO 18	173
OS DILEMAS DA FORMAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE	
Nildo Viana	
DOI 10.22533/at.ed.54919210818	
CAPÍTULO 19	184
PET PEDAGOGIA 20 ANOS: HISTÓRIA E MEMÓRIA	
Sheila Maria Rosin	
Antonio Carlos Andrade Gonçalves	
Carla Cerqueira Romano	
Débora Patrícia Oliveira Ribeiro	
Eduarda Miriani Stabile	
Emanuely Lívia Loubach Rocha	
Evilásio Paulo Novais Junior	
Karoline Batista dos Santos	
Luana Aparecida Depieri	
Manoela Schulter de Souza	
Maria Carolina Miesse	
Mariana Selini Bortolo	
Rayssa da Silva Castro	
Shara da Silva Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.54919210819	

CAPÍTULO 20	193
POLÍTICA DE EDUCAÇÃO (EM TEMPO) INTEGRAL: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DE JOVENS PARTICIPANTES DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO	
Danielle de Farias T. Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.54919210820	
CAPÍTULO 21	207
POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO E SAÚDE PARA O ATENDIMENTO ÀS PESSOAS PRIVADAS DE LIBERDADE NO ESTADO DO PARANÁ: O NECESSÁRIO ENUNCIADO DAS ASSISTÊNCIAS RESSOCIALIZADORAS	
Marta Cossetin Costa Ireni Marilene Zago Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.54919210821	
CAPÍTULO 22	219
POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA OS SUJEITOS DO CAMPO: UMA ANÁLISE DO PROCESSO HISTÓRICO A PARTIR DO MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO	
Silvana Cassia Hoeller Maurício Cesar Vitória Fagundes Roberto Gonçalves Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.54919210822	
CAPÍTULO 23	231
POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EJA NO BRASIL: O CASO DO PROEJA NO IFRN-CAMPUS IPANGUAÇU E O DESENVOLVIMENTO LOCAL	
José Moisés Nunes da Silva Maria Aparecida dos Santos Ferreira Ana Lúcia Pascoal Diniz Suerda Maria Nogueira do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.54919210823	
CAPÍTULO 24	246
PROBLEM-BASED LEARNING: A EDUCATION RESEARCH OF TECHNOLOGY UNDERGRADUATE COURSE IN ENVIRONMENTAL MANAGEMENT AT THE FEDERAL INSTITUTE OF EDUCATION, SCIENCE AND TECHNOLOGY OF RIO GRANDE DO NORTE, BRAZIL	
Samir Cristino de Souza Luis Dourado	
DOI 10.22533/at.ed.54919210824	
CAPÍTULO 25	259
PROFISSIONAIS DO MERCADO: POLÍTICAS E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO DOCENTE NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PRIVADAS DE BELÉM DO PARÁ	
Edson Paiva Soares Neto Andréa Bittencourt Pires Chaves Terezinha Fátima Andrade Monteiro dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.54919210825	
CAPÍTULO 26	264
PROJETO DE EMPODERAMENTO DISCENTE - CRIAÇÃO DE UMA EMPRESA JÚNIOR NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO AO PROFISSIONALIZANTE	
Sirlei Rodrigues do Nascimento Celi Langhi	
DOI 10.22533/at.ed.54919210826	

CAPÍTULO 27	275
PROJETO DE ENSINO EM MATEMÁTICA E SUA EFICÁCIA NO CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM EDIFICAÇÕES	
Adriana Stefanello Somavilla	
Andrea Márcia Legnani	
Carla Renata Garcia Xavier da Silva	
Derli Francisco Morales	
Viviane de Souza Lemmert	
DOI 10.22533/at.ed.54919210827	
CAPÍTULO 28	288
PROJETO EDUCATIVO DE SENSIBILIZAÇÃO NO PARQUE APIUCOS MAXIMIANO CAMPOS – RECIFE/PE	
Vivianne Lúcia Bormann de Souza	
Bárbara Emmanuella Santos de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.54919210828	
CAPÍTULO 29	298
PROJETOS DE INVESTIGAÇÃO INTERDISCIPLINAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS DOS BEBÊS PROTAGONISTAS	
Fernanda Aparecida Varraschin	
Gisele Brandelero Camargo	
DOI 10.22533/at.ed.54919210829	
CAPÍTULO 30	310
TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO: UM PROJETO DE INVESTIGAÇÃO DESENVOLVIDO POR CRIANÇAS PROTAGONISTAS	
Daniele Pires Dias	
Gisele Brandelero Camargo	
Maria Cristina Starcke	
DOI 10.22533/at.ed.54919210830	
CAPÍTULO 31	323
GESTÃO DO CONHECIMENTO PESSOAL E <i>COACHING</i> NO CONTEXTO ACADÊMICO: POSSIBILIDADES DE CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO	
Leonardo Fernandes Souto	
Américo da Costa Ramos Filho	
DOI 10.22533/at.ed.54919210831	
CAPÍTULO 32	335
TRANSDISCIPLINAR, EU? ONDE SE APRENDE ISSO? NOTIFICAÇÕES E COMPARTILHAMENTOS DA ASSIMETRIA ENTRE A FORMAÇÃO DOCENTE E A PRÁTICA PROFISSIONAL EMANCIPADORA	
Dilmar Xavier da Paixão	
DOI 10.22533/at.ed.54919210832	
CAPÍTULO 33	347
UMA DISCUSSÃO SOBRE OS MÉTODOS CIENTÍFICOS EM PESQUISAS EDUCACIONAIS	
Cassiano Scott Puhl	
DOI 10.22533/at.ed.54919210833	
SOBRE OS ORGANIZADORES	367
ÍNDICE REMISSIVO	368

A PERENIDADE DOS GREGOS NA DISCIPLINA DE INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LITERÁRIOS

Arthur Barboza Ferreira

Faculdade de Letras – UFG

Goiânia – Goiás

RESUMO: Durante a atividade de monitor da disciplina de Introdução aos Estudos Literários, emergiu o questionamento sobre a razão pela qual os gregos ocupam grande espaço das leituras dessa disciplina obrigatória não só do curso de Letras, mas também do de Biblioteconomia. Figuram entre esses gregos Platão, Aristóteles, Safo de Lesbos, Homero, Sófocles e Aristófanes. O presente trabalho busca oferecer respostas razoáveis à questão, valendo-se de uma visão integral da disciplina através da condição de monitor da mesma, conferida ao autor deste artigo, no ano de 2017, enquanto graduando do curso de Letras da UFG. Através de uma reflexão incluindo problemáticas fundamentais da disciplina, como o conceito de *mimesis* e a teorização dos gêneros literários, identifica-se nos gregos o berço e as origens de boa parte das questões teóricas abordadas ao longo da disciplina, justificando aí a recorrência aos gregos não só enquanto produtores de literatura (Homero, Safo, Sófocles, Aristófanes), mas também como teóricos e críticos (Aristóteles e Platão). A recorrência também é justificada com ideias tiradas dos textos presentes na bibliografia

complementar da disciplina, como “Por que ler os clássicos” de Italo Calvino e “Sobre Algumas Funções da Literatura”, de Umberto Eco. Por fim, observa-se que a assim chamada “perenidade” dos gregos não é de todo absoluta nem ubíqua, pois, como ensina a própria disciplina, os conceitos dos estudos literários estão sempre eivados de cultura e ideologia, ou seja, componentes contingentes, históricos e, portanto, sujeitos à mudança, como ocorre com o próprio conceito de literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Gregos, Introdução aos Estudos Literários, Gêneros Literários, Mimesis.

THE PERENNIALITY OF THE GREEKS IN THE SUBJECT OF INTRODUCTION TO LITERARY STUDIES

ABSTRACT: During the activity of monitor for the subject of Introduction to Literary Studies a query emerged on why the Greeks take a great part of the readings for these obligatory discipline not only in “Letras” but also in Library Science. Plato, Aristotle, Sappho of Lesbos, Homer, Sophocles and Aristophanes figure among these Greeks. This work attempts to give reasonable answers to the query, from an integral view of the subject from the condition of monitor, granted to the author of this work, in the year of 2017, as an undergraduate of

“Letras” in UFG. Through a reflexion including fundamental problems explored by the discipline, such as the concept of *mimesis* and the theorization of literary genres, this work identifies in the Greeks the origins of many theoretical questions taking place in the discipline, thus justifying their recurrence, not only as literary authors (Homer, Sappho, Sophocles, Aristophanes), but also as theorists and critics (Aristotle and Plato). The recurrence is also justified by ideas taken from the texts present in the subject’s complementary bibliography, such as “Why read the classics” by Italo Calvino and “On Some Functions of Literature” by Umberto Eco. Finally, the work remarks that the so-called Greek “perenniality” is not at all absolute nor ubiquitous since, as the subject itself instructs, the concepts of literary studies are always laden with culture and ideology, that is, contingent, historical components, and are, thus, subject to change, like the concept of literature itself.

KEYWORDS: Greeks, Introduction to Literary Studies, Literary Genres, Mimesis.

Este artigo é uma reprodução com pequenas alterações de um trabalho publicado nos anais do XXIII Simpósio de Estudos e Pesquisas da Faculdade de Educação, no ano de 2017. O autor do artigo, na condição de aluno de Letras da Universidade Federal de Goiás e monitor da disciplina de Introdução aos Estudos Literários durante aquele ano, deparou-se com uma questão: qual será a razão da forte presença do repertório de origem grega nas leituras da disciplina de Introdução aos Estudos Literários? Independentemente do curso ministrado, com todas as peculiaridades e preferências dos docentes, um mesmo *corpus* se impõe e se mantém, aparentemente inexorável e inalterável ao longo dos anos. Esse *corpus* consiste de obras gregas, em particular o poema épico *Odisseia*, de Homero, o poema trágico *Édipo Rei*, de Sófocles, a comédia *Lisístrata*, de Aristófanes, e poemas líricos esparsos de Safo de Lesbos. Qualquer aluno recém-ingresso no curso de Letras e de Biblioteconomia há de ler, no primeiro semestre de graduação, esses textos para a disciplina de Introdução aos Estudos Literários, matéria de natureza obrigatória para ambos os cursos. Nada mais natural, portanto, que a seguinte indagação: qual é a justificativa de se ler esses textos? O que há de especial nos gregos a ponto de serem sempre revisitados e ocuparem um lugar indisputado no repertório obrigatório de um aluno de Introdução aos Estudos Literários?

A indagação, contudo, não se limita meramente a textos de ordem literária. Não é só no campo artístico que os gregos se firmam como uma leitura obrigatória a estudantes de literatura, mas também no campo da teoria e crítica literárias. Tanto Platão quanto Aristóteles escreveram sobre a natureza da poesia, ambos esboçaram uma teoria de gêneros poéticos e ambos comentaram criticamente o mais importante dos poetas gregos: Homero. Com efeito, o aluno de Letras também há de ler, ao longo da disciplina de Introdução aos Estudos Literários, os livros III e X da *República* de Platão, e a *Poética* de Aristóteles, que figuram na bibliografia básica da disciplina.

A ementa da disciplina de Introdução aos Estudos Literários, contudo, não

menciona “gregos”. Ela é a seguinte: “Introdução aos conceitos fundamentais da literatura. Abordagem da problemática dos gêneros literários. Leituras e estudos sistemáticos do poema, da narrativa e do drama.” Conquanto a ementa não mencione gregos (por uma questão certamente de concisão), a questão se levanta, já que foram eles os primeiros de que temos notícia a refletirem sobre conceitos hoje caros aos estudos literários, como as categorias de Dramática, Épica e Lírica, que compõem juntas parte do que hoje se entende por gêneros literários. Vale dizer, entretanto, que o termo “literatura” aplicado aos gregos antigos é um anacronismo; a palavra é de origem latina e vem de “littĕra”, que significa letra. Para Homero, Safo, Sófocles, Aristófanes, Platão e Aristóteles, a palavra literatura não existia, e as reflexões teóricas destes dois últimos filósofos são, na realidade, acerca da poesia, que absorveu toda a produção de textos artísticos não só líricos, mas também dramáticos (tragédias e comédias) e narrativos épicos (a *Ilíada* e a *Odisseia*).

Parece relativamente fácil compreender por que Platão e Aristóteles entram obrigatoriamente na bibliografia da disciplina. Foram eles quem primeiramente se debruçaram sobre vários dos temas e problemas com os quais os estudos literários lidam até os nossos dias. Um desses problemas, que tem grande importância a esse campo de estudos, é o problema da *mimesis*, termo comumente traduzido por imitação. Através dos séculos e até os dias atuais, o problema da *mimesis* não deixa de causar divergência entre estudiosos de literatura, mesmo sua discussão tendo se iniciado há cerca de 2500 anos.

Alguns estudiosos que refletiram sobre tal questão concebem *mimesis* como produção ou criação, num viés cuja linhagem certa tem origem em Aristóteles, como é o caso do crítico e teórico brasileiro Luiz Costa Lima. Para ele, *mimesis* envolve tanto um componente de semelhança quanto um de diferença (LIMA, 2003, pp. 65-72), de modo que um autor literário, ao escrever seu texto, toma da realidade à sua volta elementos que tornam seu texto reconhecível ao leitor, pois está reproduzindo a realidade, imitando-a; contudo, o autor literário também injeta elementos díspares e peculiares, que tornam seu texto capaz de causar estranheza no leitor, por meio do uso de um tratamento especial da linguagem (possíveis jogos de palavras, rimas, criação vocabular etc.). Desse modo, nesse viés, o texto literário é entendido como algo duplo, como uma combinação de uma atividade de reprodução e de criação. Essa é, entretanto, apenas uma concepção no longo histórico do problema da *mimesis*. Muitos adotaram, ao longo da história da questão, um conceito de *mimesis* pobre e reducionista, como os romanos e os renascentistas, para quem a *mimesis* poderia ser entendida como uma mera imitação de textos e modelos prévios (Homero, modelo de Virgílio; Virgílio, modelo de Camões; Camões, modelo de... etc.) com suas respectivas regras e procedimentos, sugerindo que a história da literatura é a história de modelos e seus êmulos subsequentes.

O próprio Platão, por seu turno, tem uma opinião bastante diferente. Ele conclui que a imitação afasta as coisas de sua realidade ideal. A ideia de cama, por exemplo,

é imitada pelo moveleiro ou carpinteiro, que cria o objeto material a partir de uma ideia abstrata e imutável desse móvel; porém aqueles que imitam a cama material do moveleiro, ao invés da cama ideal, como é o caso de pintores e poetas, imitam uma imitação, e, portanto, suas criações estão ainda mais afastadas da cama ideal, três graus de distância dela, ao passo que a cama material, feita pelo moveleiro, só duas (PLATÃO, 2006, pp. 381-419). O resultado intrigante dessa reflexão platônica, que interessa aos estudiosos de literatura, é que o filósofo ateniense decide por fim expulsar os poetas de sua cidade ideal, pois seu ofício consiste num tipo de imitação condenável, afastadora da realidade.

Aristóteles, ao contrário de seu mestre, não condena a *mímesis*. Ao invés, o filósofo estagirita a toma positivamente, vendo nela um meio pelo qual o homem aprende coisas, pois uma pessoa aprende algo imitando; ademais, a imitação é uma atividade capaz de gerar prazer: “o imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros viventes, pois, de todos, é ele o mais imitador e, por imitação, apreende as primeiras noções), e os homens se comprazem no imitado” (ARISTÓTELES, 2010, pp. 106-107).

Com esse pequeno quadro de concepções contrastantes, o que serve à nossa indagação inicial é que o problema literário da *mímesis* tem seu berço e suas origens nos gregos; daí podemos tirar uma justificativa para os estudos literários recorrerem a tais autores até hoje.

Outro problema caro aos estudos literários é o problema dos gêneros literários. Mais uma vez, os pioneiros dessa reflexão são Platão e Aristóteles. O ensaísta Anatol Rosenfeld, num texto sobre gêneros literários, escreve sobre essa classificação:

A classificação de obras literárias segundo gêneros tem a sua raiz na *República* de Platão. No 3º livro, Sócrates explica que há três tipos de obras poéticas: “O primeiro é inteiramente imitação”. (...) O segundo tipo “é um simples relato do poeta (...)”. “O terceiro tipo, enfim, une ambas as coisas; tu o encontras nas epopeias...”. (...) A definição aristotélica, no 3º capítulo da *Arte Poética*, coincide até certo ponto com a do seu mestre. (...) (ROSENFELD, 1985, pp. 15-16).

Para Platão e Aristóteles, quando um escritor imita personagens agindo de forma independente, falando por si mesmas em discurso direto, sem a intervenção de um narrador ou comentador, ele está escrevendo um drama; se o escritor faz apenas um relato, sem incluir nele falas de personagens, ou até incluindo, porém usando um discurso indireto, ele está escrevendo um ditirambo (o que corresponderia ao que hoje chamamos de poema lírico); e se ele mescla as duas formas, unindo tanto personagens falando por si e comentários provenientes dele mesmo, ele está escrevendo uma epopeia. Obviamente, a teorização dos dois filósofos é questionável, pois pode-se encontrar os traços estilísticos caracterizadores de cada um desses gêneros dispersos em cada um deles, chegando à conclusão de que tais traços não são essenciais ou exclusivos de nenhum deles, mas meramente predominantes. No entanto, a teorização é válida e muito útil do ponto de vista da classificação prática, sendo até hoje uma categorização adotada nos estudos literários, muito embora

reconhecidamente problemática e imperfeita. Rosenfeld escreve:

Por mais que a teoria dos três gêneros, categorias ou arquiformas literárias, tenha sido combatida, ela se mantém, em essência, inabalada. Evidentemente ela é, até certo ponto, artificial como toda a conceituação científica. Estabelece um esquema a que a realidade literária multiforme, na sua grande variedade histórica, nem sempre corresponde. Tampouco deve ela ser entendida como um sistema de normas a que os autores teriam de ajustar a sua atividade a fim de produzirem obras líricas puras, obras épicas puras ou obras dramáticas puras. A pureza em matéria de literatura não é necessariamente um valor positivo. Ademais, não existe pureza de gêneros em sentido absoluto (Ibidem, 1985, p. 16).

Assim, vimos até aqui que Platão e Aristóteles tiveram grande importância para se pensar dois problemas historicamente importantes no campo dos estudos literários: o problema da *mimesis* e o problema dos gêneros literários. Vimos que ambos os problemas são abordados pelos gregos e têm neles seus pensadores primevos, tirando disso uma justificativa razoável para o estudante de literatura recorrer ao seu estudo até hoje. Contudo, o que justificaria Homero, Sófocles, Aristófanes e Safo figurarem também no repertório obrigatório do estudante de Introdução aos Estudos Literários? Uma resposta possível é que há, nesses quatro autores, a expressão de cada um dos três gêneros teorizados por Platão e Aristóteles, servindo de ilustração textual para a reflexão teórica acerca dos gêneros formulada pelos dois filósofos. A *Odisseia* de Homero exemplifica o gênero épico; a tragédia *Édipo Rei* de Sófocles e a comédia *Lisístrata* de Aristófanes exemplificam o gênero dramático; e os poemas de Safo, por fim, exemplificam o gênero lírico.

A justificativa pode ser complementada à luz de outras problemáticas e reflexões presentes na disciplina. Os textos mencionados fazem parte de um tipo de literatura considerada canônica, isto é, de alta qualidade, segundo o *establishment* da crítica literária ocidental. E, enquanto textos de alta qualidade, o estudante de literatura e graduando de Letras deve a eles satisfações. Como um famoso ensaísta e romancista italiano escreveu, as entidades literárias “estão entre nós” (ECO, 2003, p. 17) e “com elas temos que ajustar contas” (Ibidem, p. 18). Tratam-se, afinal, de clássicos e, portanto, devem figurar no repertório comum de todos os estudantes de literatura. As quatorze definições de “clássico” ensaiadas por um outro escritor italiano, em seu prefácio ao livro *Por que ler os clássicos?* (texto frequente nos programas de Introdução aos Estudos Literários) dão suporte à leitura desse tipo de literatura canônica. O escritor italiano conclui tanto singela quanto incisivamente: “A única razão que se pode apresentar é que ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos” (CALVINO, 2002, p. 16).

Ainda outra razão que dá respaldo ao repertório obrigatório, em especial Homero, é que tanto Platão quanto Aristóteles comentam esse poeta ao longo da *República* e da *Poética*, de modo que o *corpus* teórico e crítico está diretamente ligado ao repertório literário, o que forma uma teia textual mais coerente ao estudante de Introdução aos Estudos Literários. A leitura literária de Homero ajuda o estudante na

leitura teórica e crítica de Platão e Aristóteles e vice-versa. A peça Édipo Rei também se justifica, uma vez que também é comentada por Aristóteles na *Poética*, sendo até concebida pelo estagirita como um modelo de tragédia perfeita. O estudante tem, assim, a oportunidade de compreender as reflexões teóricas da disciplina lendo concomitantemente um repertório literário que se comunica diretamente com tais reflexões. Essa correspondência garante uma coerência maior à disciplina de Introdução aos Estudos Literários, e uma maior possibilidade de conectar os ensinamentos e reflexões propostas.

Ainda pode ser levantado um outro motivo: ler a literatura dos gregos é relevante na medida em que ela contribui para a reflexão de uma das questões teóricas fundamentais no curso de Introdução aos Estudos Literários: o problema do conceito de literatura. Como dito previamente, a palavra “literatura” não existia para os gregos. Sua visão dos fenômenos literários era muito diversa da nossa. Homero, por exemplo, não era lido propriamente como um “poeta”, mas antes como um sábio, uma fonte, um pedagogo. Sua contribuição ao mundo grego não foi somente de ordem estética, como a nossa cultura geralmente a apreende, mas também de ordem histórica e mesmo pedagógica. Otto Maria Carpeaux explica:

Os antigos não leram as epopeias homéricas como poemas. Leram-nas como obras de erudição. Não acreditaram que Homero tivesse realizado a suprema beleza poética. Ao contrário, consideraram-lhe as epopeias como minas de assuntos poéticos, dignos e necessitados de transformações cada vez mais sublimes. Homero, para eles, era uma fonte. Uma fonte de conhecimento também. Prestigiavam mais o sábio do que o poeta. Aristóteles cita, ingenuamente, Homero entre os filósofos. No rapsodo das guerras feudais acharam a suma do saber humano. Nenhum outro livro pareceu mais digno do que este de servir ao ensino na escola. Para os antigos, Homero é um manual (CARPEAUX, 1999, p. 270).

Carpeaux, na citação acima, ilustra um problema básico que perpassa não só a recepção de Homero, mas toda a disciplina de Introdução aos Estudos Literários: o problema da mutabilidade. Não só a mutabilidade da maneira de se ler um autor, mas também a mutabilidade dos conceitos em geral, com as quais todo estudante de literatura deve lidar. Uma das lições do curso de Introdução aos Estudos Literários é que a literatura não é uma entidade estável, mas algo problematicamente histórico. E os gregos podem servir de exemplo especial para essa reflexão, pois a palavra sequer existia para eles. De modo semelhante, o mito, a poesia e a história eram-lhes indissociáveis, ao passo que nossa cultura os difere. A pergunta “o que é literatura”, afinal, tem respostas díspares para um sem-número de tempos e culturas, e uma resposta peculiar não se encontra somente nos gregos.

Em seu texto ensaístico “O que é literatura?”, presente amiúde na bibliografia complementar da disciplina, Terry Eagleton explora a problemática do conceito de literatura através de uma abordagem histórica. Nesse texto, o crítico literário inglês identifica diferentes critérios para se definir literatura. Um deles é o da distinção entre “fato” e “ficção”, comum no século XIX; outro é o da distinção entre linguagem

cotidiana e o da linguagem “empregada de modo peculiar”, elaborado pelos formalistas russos no século XX; um terceiro critério é o da distinção entre discurso pragmático e não pragmático, concebendo a literatura como um tipo de linguagem autorreferencial. Eagleton levanta objeções contra esses três critérios, observando que nem tudo o que é ficção é considerado literatura, como por exemplo histórias em quadrinhos; nem toda linguagem que recebe um tratamento peculiar é considerada literatura, como ocorre com piadas, *slogans* e anúncios; e é possível ler livros “pragmáticos” de maneira não pragmática, assim como textos “literários” podem ter a função pragmática, como o de doutrinação religiosa. Diante disso, Eagleton sugere uma definição esclarecedora, a de que “literatura” é um tipo de escrita altamente valorizada, isto é, os critérios para defini-la são variáveis e, portanto, ela não pode ser encarada como um objeto estável. Eagleton conclui que os juízos de valor que a constituem são “historicamente variáveis, mas (...) têm eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais” (EAGLETON, 2001, p. 22).

Observa-se, enfim, que por mais que se possa falar numa “perenidade” dos gregos na disciplina de Introdução aos Estudos Literários; por mais que se encontre neles pioneiros nas reflexões mais caras à disciplina, é indiscutível que se trata de outra cultura e há um verdadeiro abismo irreconciliável entre ela e a nossa. Embora seja tomada como referência ainda hoje, e provavelmente o seja por muito tempo, não se encontra nela aparato teórico capaz de estabilizar conceitos e problemas, oferecendo por fim mais perguntas do que respostas, o que, não obstante, não tira de modo algum seu valor e importância. A perenidade dos gregos parece residir antes em seu esforço pioneiro e em seus méritos criativos, ao invés de numa suposta sabedoria infalível ou aplicável a todas as culturas do mundo, o que para Terry Eagleton certamente soaria – e para o autor deste artigo – inconcebível.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Sousa. 8 ed. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 8 ed., 2010.
- CALVINO, Italo. Por que ler os clássicos. In: **Por que ler os clássicos?** Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CARPEAUX, Otto Maria. O sol de Homero. In: **Ensaio Reunidos: 1942 – 1978**. Rio de Janeiro: UniverCidade, 1999, pp. 269-274.
- EAGLETON, Terry. O que é literatura? In: **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução Waltensir Dutra. Revisão da tradução João Azenha Jr. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, pp. 1 – 22.
- ECO, Umberto. Sobre Algumas Funções da Literatura. In: **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003, pp. 9 – 21.
- LIMA, Luiz Costa. A explosão das sombras: *Mimesis* entre os gregos. In: **Mimesis e modernidade: formas das sombras**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003, pp. 25-84.

PLATÃO. Livro X. In: **A República**. Trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado. Revisão e introdução Roberto Bolzani Filho. São Paulo, Martins Fontes, 2006.

ROSENFELD, Anatol. A teoria dos gêneros. In: **O Teatro Épico**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

SOBRE OS ORGANIZADORES

KEYLA CHRISTINA ALMEIDA PORTELA - Secretária Executiva formada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Licenciada em Língua Inglesa e Espanhola pelo Centro Universitário de Varzea Grande – UNIVAG. Especialista em Linguística Aplicada pela Unioeste, Especialista em Gestão de Processos e qualidade pela Uninter, Especialista em Recursos Humanos pela Uninter, Especialista em Gestão de projetos pela Uninter, Especialista em Gestão e Docência em Ead pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Especialista em Didática do Ensino Superior pela Unipan, Especialista em Formação de professores pela UTFPR. Especialista em MBS – Master Business Secretaries pela Uninter. Mestre em Educação pela Universidade de Lisboa e Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCSP). Desenvolve trabalhos nas áreas de educação, ensino e gestão. Atualmente é docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Assis Chateaubriand. E-mail para contato: keylaportela@bol.com.br

ALEXANDRE JOSÉ SCHUMACHER – Secretário Executivo formado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; Bacharel em Administração de Empresas com Habilitação Administração Hospitalar; Tecnólogo em Comércio Exterior; Doutor com menção internacional em Economia e Direção de Empresas; Tese resultante do processo de doutoramento foi premiado internacionalmente no prêmio “Adalberto Viesca Sada” pela Universidade de Monterrey no México no ano de 2015; possui Mestrado em Administração de Empresas; Especializações Lato Sensu em: Comércio Exterior para Empresas de Pequeno Porte; Docência no Ensino Superior; Administração e Marketing; MBA em Planejamento e Gestão Estratégica; MBA em Administração e Gerência de Cidades; Gestão Escolar; Administração em Agronegócios.. Já atuou como consultor em grupos empresariais em setores específicos; realiza palestras em conferências em temas específicos relacionados a sua área de formação e de desenvolvimento de pesquisas. É Pesquisador de temáticas relacionadas com as empresas familiares e suas dinâmicas. É Practitioner em PNL e Hipnose Moderna. Atualmente é docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Assis Chateaubriand. E-mail para contato: alexandre.jose.schumacher@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 15, 63, 99, 121, 130, 145, 257, 258, 264, 267, 298

Aprendizagem significativa crítica 121

Autoformação 173

B

Brincadeira 89, 94, 99

C

Capitalismo 31, 173, 183, 209

D

Desenvolvimento infantil 99

Dilemas 173

Discurso governamental sobre juventudes 193

E

Educação 2, 5, 12, 17, 24, 25, 31, 42, 49, 51, 54, 55, 56, 61, 69, 70, 73, 76, 80, 82, 83, 97, 98, 99, 108, 109, 110, 119, 121, 130, 132, 134, 135, 136, 137, 142, 143, 144, 150, 164, 171, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 197, 199, 202, 204, 205, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 243, 244, 246, 259, 261, 263, 264, 269, 273, 274, 276, 278, 282, 286, 287, 297, 298, 299, 309, 310, 313, 317, 321, 322, 338, 340, 341, 344, 345, 346, 347, 348, 358, 365, 367

Educação ambiental 119

Educação em Tempo Integral 193, 199

Educação profissional 231

Educação Superior 110, 186, 188

Eficiência energética 1

Empresa júnior 264

Engajamento 259

Ensino-aprendizagem 8

Ensino da Sustentabilidade 110

Ensino de ciências 121, 130

Ensino e aprendizagem 155, 322

F

Fisiologia Humana 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15

Formação 25, 31, 99, 114, 139, 143, 144, 154, 155, 159, 173, 183, 185, 244, 259, 335, 344, 367

Formação docente 155, 159, 259, 335

I

Instituição de Ensino Superior Privadas 259

Instituições Comunitárias 110, 111, 117

M

Metodologias Pedagógicas 146

Monitoria 8, 63, 64, 68

Múltiplas linguagens 8, 82

O

Omnilateralidade 24

Orientações curriculares 121, 130

P

Pedagogia 31, 50, 53, 60, 81, 99, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 141, 143, 144, 148, 151, 153, 163, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 227, 244, 259, 298, 310, 311, 345

Políticas de Educação 207, 208, 216

Políticas de Saúde 207

PROEJA 10, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 242, 244, 245, 278

Protagonismo infantil 311

R

Recurso Didático 8

S

Sociedade Contemporânea 173

T

Tecnologias de comunicação 311

Trabalho 24, 25, 31, 36, 41, 63, 66, 98, 144, 206, 211, 216, 217, 259, 263, 334

Trabalho científico 63

Trabalho docente 259

U

Universidades Corporativas 132, 133, 137, 138, 142, 144

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-554-9

